Á memoria

de

Rangel Pestana

A festa civica na capital de S. Paulo

Discurso do Dr. Lauro Sodré

1908

Á MEMORIA

DE

RANGEL PESTANA

A festa civica na Capital de S. Paulo

Discurso do Dr. Lauro Sodré

Rio de Janeiro
Typographia LEUZINGER
1903

UMA CARTA

Dos drs. PEDRO DE TOLEDO, MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADE SOBRINHO, J. A. PEREIRA DOS SANTOS, ALONSO GUAYANAZ DA FONSECA e CARLOS GARCIA.

Illustre Dr. Lauro Sodré

Como deliberamos commemorar o 30°. dia do passamento do nosso illustre mestre e saudoso amigo Dr. Rangel Pestana, com uma sessão civica, modesta, porém, significativa, accordamos que n'este momento, ninguem poderá com mais sinceridade, elevação de vistas e ardor civico, interpretar o pensamento que nos inspirou essa consagração, do que V. Exa., que além de ser «a esperança da Republica e dos republicanos», como auctorisado e querido publicista já o disse, manteve com o illustre extincto, até a sua derradeira hora, a mais intima, leal e verdadeira amisade.

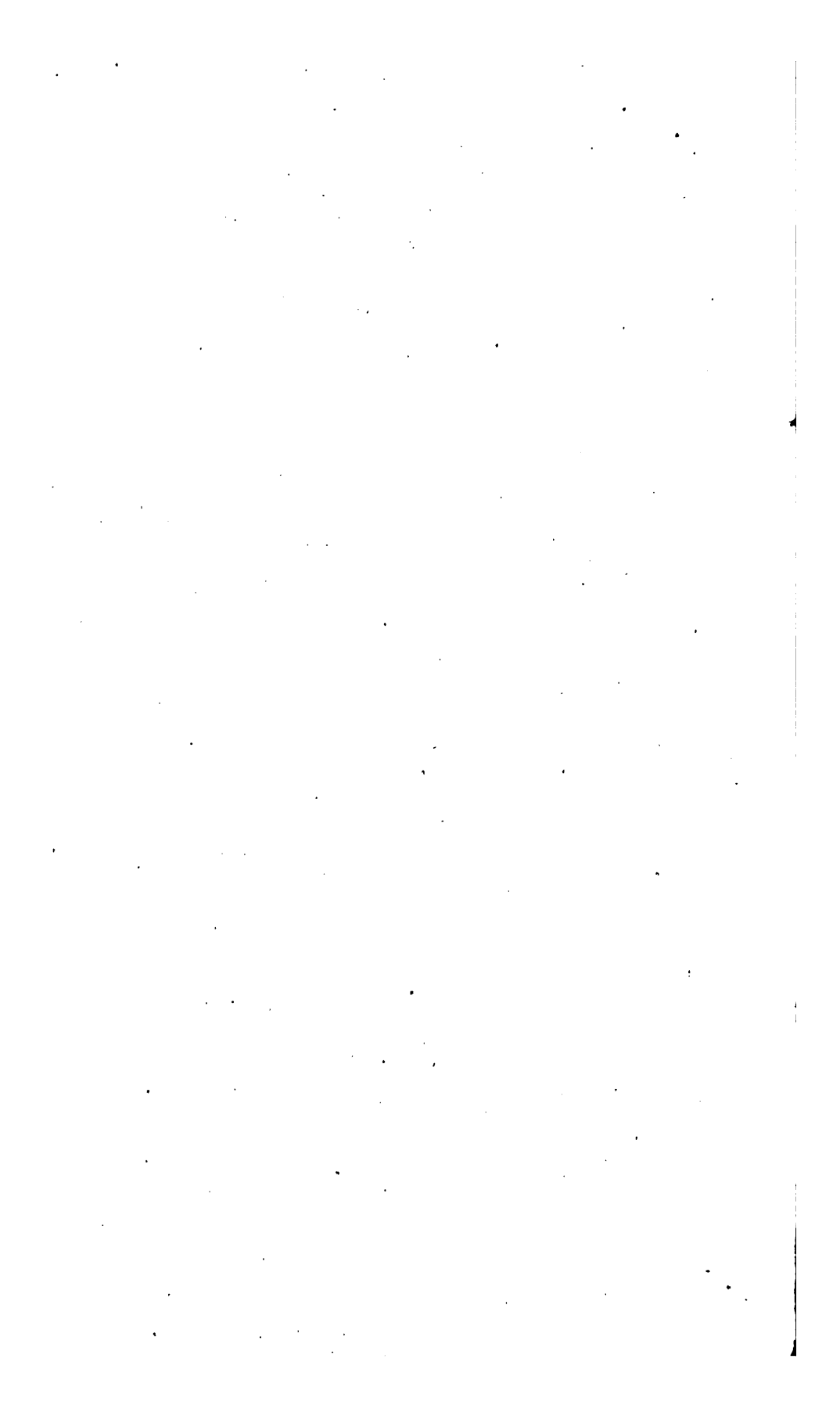
Assim tomamos a liberdade de convidal-o para ser o orador official d'essa commemoração, que se ha-de realizar n'esta capital no dia 16 ou 17 do proximo mez de Abril.

Pedimos responder ao 1°. abaixo assignado, para a rua de S. Bento n. 12, sobrado.

Com o mais devotado affecto, somos.

Amos. admores. e correligionarios.

Pedro de Toledo.
Martim F. Ribeiro de Andrade Sobrinho.
J. A. Pereira dos Santos.
Alonso Guayanaz da Fonseca.
Carlos Garcia.

S. PAULO, 25 de Março de 1903.

O orador de hoje

O nosso confrade Mario Cattaruzza publicou no *Fanfulla*, de S. Paulo, o seguinte artigo no dia da chegada do eminente brasileiro Lauro Sodré áquella cidade:

Vae ser commemorada, hoje, em S. Paulo, a memoria de Rangel Pestana, educador e exemplo da velha democracia paulistana, pelo que mais dignamente o podia fazer — e um nobre e bello verbo ouvir-se-á hoje em S. Paulo.

O nobre verbo dum homem da mais alta integridade moral e civica: dum caracter de rija tempera, duma robusta consciencia. O bello verbo de um homem de poderosa mentalidade, colorido pelas mais peregrinas bellezas do estylo, enriquecido pelos mais varios conhecimentos scientificos do mundo moderno.

Para commemorar um romano da republica pre-imperalista qual foi o fundador d'*A Provincia* o mestre de Julio Mesquita, o collaborador do pacto constitucional; o senador, cuja palavra era uma admoestação e um conselho; o director do Banco da Republica, o altivo e modesto vice-presidente da endividada terra fluminense — uma commissão de purissimos republicanos, entre os quaes se destaca o campeão da juventude democratica de S. Paulo, João Antonio Pereira dos Santos, elegeu o joven e, não obstante, tão sabio republicano, á quem Paes de Carvalho, juiz competente e insuspeito, proclamou « a mais alta mentalidade da actual geração paraense ».

Lauro Sodré é uma daquellas figuras rectas e integras que Dante amava com predilecção, porque as anima e illumina a Fé, a Fé que Giosué Carducci affirma em toda a sua maravilhosa obra; uma daquellas figuras simples e bôas em que o povo confia, porque o seu julgamento synthetico é mais firme que a analyse apaixonada e infiel dos interessados e dos rivaes.

E' um moço, e a sua vida é um modelo para os estadistas da sua patria.

E'. um moço, e já provou todas as alegrias do triumpho e todas as amarguras da ingratidão.

E' um moço, e ainda o não assaltou a aspide do scepticismo, não o envenenou ainda a cicuta do vão rancor.

E' um moço, em annos, em energia e em esperança, e, no emtanto, já maduro de senso, de experiencia, dum viver intensamente vívido.

Este tenente-coronel do exercito brasileiro, que, com o coração espedaçado — fiel escravo da disciplina — prestava um dia — e era apenas tenente e já republicano então — honras militares a um vulgar principe estrangeiro que ambicionava os ocios futuros de um Mecklemburgo; este professor da Escola de Guerra e predilecto discipulo de Benjamin Constant, o fundador da Republica, que á testa do seu Estado natal se revelou um espirito altamente tolerante e o typo ideal do governo civil; este homem politico, que é, no Pará, o chefe idolatrado dum partido rico, dum forte, brilhante e intellectualissimo estado-maior e o objecto da admiração e orgulho de todos os seus conterraneos e, na capital da Republica, vê o seu nome, numa lucta porfiada, sahir victorioso das urnas, sem as implorar, oito dias apenas depois de ter sido annunciada a sua candidatura; este cidadão, que, ao deixar o governo do Pará, podia dizer, na sua mensagem de despedida ao povo: « em sete annos de governo, por minha causa, não entrou a dôr em nenhum lar » e que era obrigado a acceitar uma offerta de amigos para saldar algumas dividas pessoaes contrahidas durante a sua administração, por uma exigencia imprescindivel do decoro representativo — saudará hoje na Mecca republicana do Brasil a augusta e austera memoria do mais puro, do mais santo republicano.

E', pois, uma augusta hora para os devotos da Republica, para os amigos do Brasil, aquella em que, hoje, Lauro Sodré, congregados em torno de si, numa assembléa de sympathia, de paz e de amor, os republicanos unidos hontem e presentemente divorciados, evocando a figura conciliadora de Rangel Pestana, incitará todos os animos a reunirem-se ainda para a lucta, porque esta Republica não é a que elles sonharam; está errada e, conseguintemente, precisa ser corrigida.

E' uma hora de franco civismo e, para realçar-lhe a significação, no tempo e no espaço, pois se trata duma hora historica, é sufficiente lembrar que o grande velho inconsciente, Deodoro da Fonseca, mal aconselhado, decretou o estado de sitio, dissolveu o Congresso Nacional e decretou o golpe de Estado de 3 de Novembro de 1891.

A opinião publica, a imprensa, o paiz, apanhados de surpreza, abalados, perderam por um momento a noção da realidade, o medo e o egoismo são ainda dois poderosos elementos da Historia! Todos os governadores dos Estados, entre os quaes havia republicanos sinceros, como Julio de Castilhos e Americo Brasiliense, bem como homens de responsabilidade, como Cesario Alvim, todos, adheriram á estulta medida do carrancudo barão de Lucena. — Todos, excepto um. Um só, que, talvez, era o mais joven, que entre o pasmo geral e entre o geral abalo, não perdeu a cabeça. Um só. E esse foi Lauro Sodré, governador do Pará.

O seu exemplo fructificou, porque a Fé é miraculosa e as energias desperdiçadas tornaram a si, surgindo após vinte dias, sobre a tempestade de Novembro, anniquilladora, a magra figura enigmatica de Floriano Peixoto.

Conhecedor dos homens, fez expulsar todos os 19 transfugas; mas, apezar de longe, ficou ao lado do joven major Lauro Sodré, aquelle que não tinha perdido a cabeça, no meio da geral confusão de todas as cabeças.

A loucura pôz em acção os seus furores. Dez de Abril, seis de Setembro, dias fataes. Desde esse momento os republicanos que conheciam o perigo e sentiam a força personificada no marechal alagoano, olhavam para o Pará, aguardando a voz alentadora do modesto official do exercito, que, entretanto, ahi trabalhava para abrir ao seu Estado as novas correntes de braços e de capitaes que deviam desenvolver-lhe as riquezas.

Sempre os telegrammas de Lauro Sodré a Floriano Peixoto, redigidos em estylo correcto e nitido como a sua espada, que nunca se manchou de sangue, chegavam e elevavam a alma republicana para a paixão e para a batalha.

Outros dias tristes appareceram.

Era morto na Divisa o marechal silencioso que tinha salvado a Republica e governava o paiz um homem de bôas intenções e de honesta fé, Prudente de Moraes.

Os inglezes tinham occupado brutalmente a ilha da Trindade. Em toda parte desordens e inuteis, prejudiciaes e estereis começos de *meetings*.

No Pará, nada. Lauro Sodré, que é homem de governo, e conhece o que significa para os paizes novos a immigração do capital e a inutilidade dos motins de rua, evitou-os.

A França, attrahida pela miragem do ouro dos rios do Amapá, quiz occupar o territorio paraense ao norte do rio Amazonas. Lauro Sodré, patriota e estadista, enviou para expulsar os francezes, um punhado de valorosos, guiados por um herôe authentico, o denodado Veiga Cabral. Dahi o conflicto que originou a arbitragem de Berne e a feliz solução do litigio secular.

O nativismo — pelo amor de Deus, não o confundamos com o jacobinismo, que é virtude e sagacidade politica — surgia contra nós, devido á malaventurada questão do Protocollo. Em toda a parte algazarras e discursos deshonestos. No Pará, Lauro Sodré impediu que se offendesse a pequena, mas operosa e sempre estimada colonia italiana.

Isso constitue, me parece, o estôfo, a substancia de um homem de governo. E Lauro Sodré confirmou esse attributo na progressiva administração que fez — durante sete annos em virtude duma disposição transitoria da constituição paraense — do seu Estado, dando impulso á immigração hespanhola, or-

ganisando os serviços publicos, creando uma magistratura independente e bem remunerada, alargando a instrucção publica, construindo a hospedaria para os immigrantes, installando florescentes colonias agricolas em Monte Alegre, Jambuassú, Bragança, Marapanim, fundando o soberbo museu paraense, dando começo á então magnifica escola de artes e officios (*Instituto Lauro Sodré*), inaugurando, sob a direcção do pranteado maestro Bernard e com o concurso de outros musicistas italianos, o Conservatorio Carlos Gomes, continuando os trabalhos da estrada de ferro de Bragança, provocando por toda parte a operosidade fecunda com o exemplo e com a educação scientifica.

Para nós, italianos, teve sempre vivas expressões de sympathia, e a elle se deve a abertura da linha de navegação directa entre Genova e a bacia amazonica, mediante opulentas subvenções do governo local.

Governador militar, fez um governo civil: tolerante, transigente, conciliador, progressivo, honesto.

No Pará, todas as colonias estrangeiras fallam delle com affecto e reverencia, e os portuguezes, que alli constituem o maior nucleo europeu, o amam como se fosse seu patricio.

E pensar que os seus inimigos — não seria um homem de grande intellectualidade e de grande valor se os não tivesse, tem-n'os terriveis e implacaveis — qualificam-no de « nativista inimigo do estrangeiro » !

Elle ri-se com o seu sorriso sereno de homem bom e forte que já teve a sua hora e, calmo, conta com a volta.

Os paulistas vão ouvil-o. Com o seu aspecto sympathico, placido, doce, de homem sem affectação, conquistará a todos. Nenhuma *pose*, nenhum tom arrogante. Elle encarna a brandura. Sua voz plena e sonora, que muitas tempestades conheceu e dominou, dirá com calor as bellas e tristes coisas que a memoria de Rangel Pestana evocará no pensamento de todos, com phrase vibrante e elegante de homem de intelligencia e de estudo.

Eu lhe auguro um triumpho pessoal que o avigorará na batalha pela reforma da Constituição, pela volta da verdade eleitoral e da justiça administrativa.

Saudem-n'o os italianos democratas como um amigo, a esse filho do povo, sahido das mais modestas fileiras do exercito e chegado a altas dignidades sem mentir á fé democratica dos verdes annos da mocidade e que, só, muitas vezes, teve a coragem, nesta Republica de governistas impenitentes ou perpetuos a todo transe, de ficar galhardamente na opposição, desdenhoso do ostracismo, satisfeito em sua consciencia, despresando tudo o mais.

MARIO CATTARUZZA.

A SESSÃO CIVICA

O *Diario Popular* de S. Paulo, em a sua edição de 18 de Abril, noticiou a festa civica do Theatro S. José, nestes termos:

« Tão completa como brilhantemente — conseguiu a commissão promotora da homenagem civica a Rangel Pestana levar á cabo á sua patriotica iniciativa. Quando, num caso como este, se emprega o vocabulo patriotico, achamos que bem applicado elle é, porque sem civismo não ha patriotismo, e aquelle mais augmenta, mais se educa e mais se fortalece, justamente no patenteamento da vida e actos dos homens que, pelos seus feitos de revelada dedicação á patria e pelos seus elevados serviços á communhão nacional, um justo logar occupam na galeria nobre dos seus grandes concidadãos.

Foi isso que a commissão promotora teve em mente, e os elogios lhe não sejam regateiados por esse serviço prestado á memoria do inolvidavel Rangel Pestana.

Como iamos dizendo, foi completa e brilhante a commemoração de hontem, e, se bem que em nada adeantem as nossas notas ao que disseram as folhas da manhã, manda a importancia do acto que registremos nestas columnas, os topicos principaes.

Esta começou cerca das oito e tres quartos da noite, achando-se todas as locações do Sant'Anna plenas de um publico numeroso, representadas todas as classes. No palco, á direita da mesa, um grande e magnifico retrato de Rangel Pastana, envolvido em crepe.

No camarote official via-se o representante do Sr. presidente do Estado, Dr. Alvaro de Toledo, e em muitos camarotes bastantes familias.

A platéa continha senadores, deputados, magistrados, alto funccionalismo, jornalistas, commissões de estabelecimentos de ensino litterario e scientifico, alto commercio, municipalidade, etc., e em dois camarotes especiaes, membros da familia do homenageado.

A's 8 horas e 40 minutos deu entrada no palco o Sr. Dr. Lauro Sodré, acompanhado da commissão promotora das homenagens a Rangel Pestana, que foi recebido com uma salva de palmas, tão ensurdecedora que mal permittiu ouvir o rompimento do hymno nacional, tocado pela orchestra, sob a regencia do maestro Antonio Leal. Num impulso de respeito,

toda a multidão se ergueu, seguindo-se ao hymno um trecho musical, delicada partitura, que teve no final uma ovação.

A' mesa sentou-se então o orador official, Sr. Dr. Lauro Sodré, dando a direita aos Srs. Drs. Carlos Garcia, Alonso Guayanaz da Fonseca e Pereira dos Santos, e a esquerda aos Srs. Drs. Pedro de Toledo e Martim Francisco Sobrinho.

Ergueu-se então este ultimo, que, em nome da commissão promotora da homenagem a Rangel Pestana, declarou aberta a sessão, e, num discurso cheio de eloquencia, apresentou o orador official, orando uns vinte minutos.

Diz que neste momento difficil da patria, aquella homenagem não era só uma commemoração, mas tambem um incitamento á lucta: que quando tudo parecia conspirar e a energia moral faltava, aquella manifestação era um poderoso elemento de força. Saudava, pois, Lauro Sodré, chamando-lhe a « esperança da Republica ». Este orador é acolhido com uma salva de palmas.

Cabe a vez ao Sr. Dr. Lauro Sodré. Não exageraremos dizendo que, durante dois minutos o notavel democrata e parlamentar esteve dominado por uma ovação estrondosa.

Serenada esta, rompe a sua palavra bem timbrada, calma e reflexionada. O seu discurso póde dividir-se em tres pontos: a *Republica*, o *programma de governo* e a *revisão constitucional.*

Na primeira destas tres partes faz um rapido estudo sobre Deodoro, Benjamin Constant, Rangel Pestana e Floriano Peixoto, aos quaes, chamando de « evangelisadores da Republica », attribue o luto da mesma Republica. Traça a linha moral de Rangel Pestana, e, numa serie de deducções, chega aos vultos eminentes de S. Paulo. Quando o orador se referiu a Prudente de Moraes, toda a sala rompeu numa ovação.

Passa em seguida a descrever e a apreciar a trajectoria politica de Pestana, e fal-o com uma admiravel exposição de verdade historica e precisão de vistas, passando depois ao vasto terreno historico da necessidade da Republica, da sua acção, explicando os motivos do seu apparecimento, o que a originou como propaganda e as causas que levaram os combatentes á sua implantação. Foi esta uma das melhores passagens do seu discurso, e a multidão coroou-as com uma prolongada ovação.

Entra depois no programma de governo. Na sua opinião, neste momento, em que todas as classes sociaes se sentem desanimadas, e em que a agitação nellas reina, deve combater-se a espectativa indifferente de qualquer governo; este deve ser « o propulsor do progresso », segundo a phrase de Gambetta.

Diz que somos um povo sem grande energia natural, sem iniciativa audaz, como a que possue o anglo-germano, e por isso não dispensamos o auxilio dos governos.

O orador insiste neste conceito, e, desenvolvendo-o com amplitude, descreve a imprevidencia official e os damnos

enormes da situação. Quer uma politica proteccionista, isto é, protecção para a industria, para o commercio, para as artes e para a sciencia, sem descurar o desenvolvimento da instrucção superior e primaria.

Trata depois, da evolução do Brazil para a Republica, e accentúa a passagem imprevista para um concentramento absoluto na autonomia federal « que quasi dissolve a unidade da patria »; da religião de Estado para a liberdade de cultos, do regimen parlamentar para o systema presidencial — recordando, no final, a abolição da escravatura, que deshonrava o Brazil, e que esta transformação, se outras não houvessem, bastaria para nos convencermos de que é preciso ter fé e proseguir na obra.

Entra depois na questão da revisão constitucional e começa dizendo que o progresso não poderá ser conseguido « sem a revisão da Constituição ». Esta confissão, franca e sincera do orador, foi recebida com uma estrondosa salva de palmas.

O Sr. Dr. Sodré explica extensamente o seu conceito de revisionista. De fórma alguma quer uma modificação nos principios fundamentaes da lei basica da nação, jámais fóra dessa lei, a liberdade de consciencia humana, a segurança da justiça, a independencia desta e a igualdade de todos perante a lei.

Faz, em rapidos traços, uma descripção da falta de liberdade em alguns dos Estados, e, com um colorido enorme de verdade, cae a fundo contra a justiça eivada de parcialidade, onde a politica já entrou, desconceituando-a, inutilisando-a, tornando-a timida em vez de adorada. « Os juizes, em algumas localidades, não são mais que instrumentos pacificos da politiquice dos Estados, que tudo enfraquece e annulla com a sua desoladora acção nefasta ». E' um dos pontos em que a palavra do orador mais se inflamma, mais se enthusiasma, e desse enthusiasmo partilhou o numeroso auditorio, que cortou o fio oratorio do Sr. Dr. Sodré, com uma ovação enorme.

« A carta constitucional deve ser um codigo absolutamente acatado em todo o Brazil, mas não o é », — diz o Sr. Dr. Lauro Sodré (*Nova salva de palmas*).

Diz que actualmente os governadores dos Estados podem até decretar o estado de sitio e suspender as garantias constitucionaes. « E' indispensavel, pois, a revisão », e é preciso não a temer, não se lhe deve ter medo, porque a « Republica não perigará, pelo contrario, fortalecer-se-á » (*Nova salva de palmas*).

Confronta depois o periodo actual do Brazil com um da historia norte-americana, e diz que « agora a federação é uma sombra, é indispensavel sahir-se do periodo actual de perigo, com um passo rapido e firme ».

O Sr. Dr. Lauro Sodré, vê-se, está prestes a terminar, e fal-o, declarando que quer uma Republica de paz e fraternidade sincera, « onde não haja odios, onde todas as idéas sejam toleradas, onde haja logar para todos, inclusive para os homens salientes da monarchia (*Applausos estrepitosos*).

Quer a liberdade para a imprensa; quer, finalmente, uma Republica santa e feliz, qual a queria Rangel Pestana.

« Inspiremo-nos no exemplo deste grande mestre (apontando para o retrato de Rangel Pestana), e sirvamo-nos a familia e a humanidade, para que possamos dizer como o cidadão romano dizia da sua patria, cheio de orgulho: eu sou cidadão brazileiro » ! (*Grande ovação*).

O Sr. Dr. Sodré terminou num bello arroubo de oratoria, bemdizendo a memoria de Rangel Pestana.

Estas ultimas palavras foram cobertas com o delirio de palmas e de vivas.

A orchestra rompe com o hymno nacional, e, terminado este, que foi ouvido de pé, a multidão começou a retirar-se, gratamente impressionada com a palavra e os conceitos do notavel panegyrista de Rangel Pestana, e que são a traducção fiel da sua pureza de doutrinas, da sua fé. Uma e outra foram expostas com tanto calor de eloquencia e de convicções, que por vezes o auditorio se sentiu arrebatado, cemmunicado por esse calor ».

DISCURSO

pronunciado pelo sr. dr. Martim Francisco Sobrinho, na sessão civica em homenagem ao dr. RANGEL PESTANA

O **Sr. Martim Francisco Sobrinho.** — Minhas senhoras, meus concidadãos.

Esta consagração impõe-se pelos mesmos sentimentos que a inspiraram. E, ao abrir-se esta sessão civica, eu deveria, talvez, silenciar comvosco para ouvir attenta e recolhidamente a palavra de fé, a palavra fremente e illuminada de Lauro Sodré, se em nome de meus companheiros de commissão e por delegação da commissão promotora desta manifestação de inesquecivel gratidão ao primeiro dos propagandistas da Republica, particularmente neste Estado (*Muito bem*), áquelle que nos ensinou, pelo exemplo e pela lição, pela pureza de uma vida a todos grata e veneranda, e pela elevação de um espirito que até o derradeiro instante, pelo esforço, pela lucta, e pelo trabalho, soube dignificar a Republica; eu deviria, talvez, silenciar comvosco se por delegação de meus companheiros não me corresse o dever de assignalar e accentuar o alto valor politico, a significação social e civica elevadissima desta consagração.

Discipulos devotados de Rangel Pestana, soldados da velha guarda republicana, tendo com elle aprendido a fé nos principios e a religião do dever, julgámos tomar essa iniciativa bem certos de que encontrariamos um acolhimento sincero, não só por parte dos republicanos de todos os credos, mas ainda, e principalmente, por parte de todos os cidadãos que amam verdadeiramente esta terra, á qual elle votou o melhor do seu esforço, consagrando-o com a modestia que lhe era propria, porque elle não era homem de exterioridades, e conseguindo, por meio de esforço, de trabalho, de sacrificio, o que fez até ao derradeiro instante, triumphar de uma organisação enferma e alquebrada pelas vicissitudes da vida. (*Muito bem, muito bem.*)

Mas, senhores, no momento angustiosissimo que atravessa a patria brasileira, as consagrações como esta não são simplesmente um tributo, um preito de inesquecivel gratidão aos que

por nós trabalharam e bem mereceram da patria: valem muito mais, como um appello ao passado, como um appello ás tradições, como um alento para a alma, como um vigor para o espirito, valem tudo isso.

Quando a cupidez, a sêde dos proventos materiaes tenta avassalar todos os espiritos e apoderar-se de todas as consciencias; quando o espirito politico como que desappareceu desta terra, sendo apenas o privilegio dos poucos trabalhadores e da mocidade, que não esmorece, que é sempre a guarda avançada dos portadores das idéas novas; quando do proprio estrangeiro nos chegam écos suspeitos, quando menos offensivos dos nossos brios de povo livre, a denunciar que o imperialismo audacioso tenta arrebatar-nos o territorio; quando de toda a parte o desalento, a falta de energia moral nos vão como que tolhendo o movimento, empecendo o progresso; este appello ao passado, estas manifestações solemnissimas, como a que presenciamos, são, para todos nós que confiamos, que temos fé na Republica, são poderosos elementos de força moral, são um conforto para todos aquelles que perante os escombros e a ruinaria moral do presente mantém intactas a a serenidade de espirito, a pureza da consciencia e a chamma inextinguivel dos ideaes. (*Muito bem. Applausos.*)

Tal é a significação desta festa.

E por isso que, senhores, ella tem essa elevada significação para todos os espiritos, e deve vibrar fundamente em todos os corações, por isso mesmo associamos ao nome do morto querido, que foi o evangelisador da idéa, o homem da fé, do sentimento (*Muito bem*), o nome de Lauro Sodré, que é neste momento, como o denominou um publicista, a esperança da Republica. (*Palmas prolongadas, bravos.*)

E, senhores, ao contemplar a magnitude, permitta-se-me a expressão, que não é exaggerada, desta assembléa, deste povo, que acudiu pressuroso ao nosso appello, a tributar esta homenagem tão significativa á memoria do que se partiu, ao ver, congregados no mesmo sentimento de solidariedade e amor pela causa publica, a causa de todos, porque é a causa da patria; ao ver nesta commemoração o illustre brasileiro, que pela primeira vez nos honra com a sua visita, acodem-me ao espirito, e nelle tomam corpo, as palavras extraordinarias que, em situação bem memoravel para mim, porque despertam a saudade no que ella tem de pungido, evocando uma vida cara, uma vida que era uma lição,— ouvi proferir, delegando alguem, encargo altamente honroso de testamenteiro moral de um morto querido e venerado. E quem melhor do que o illustre moço, (porque, se é moço pela edade, o é ainda mais pela nobreza dos ideaes e pela elevação da intelligencia) quem melhor de que elle póde ser o testamenteiro moral de Rangel Pestana? (*Applausos.*)

Ninguem, por certo. O vosso espirito, vosso coração, solidarios commigo, o designaram para tão grato encargo.

Por isso, digo, associamos o nome de Lauro Sodré ao nome de Rangel Pestana. Esse nome, senhores, é um nome consagrado para a mocidade; o seu passado constitue uma lição e um exemplo. Laureado, em curso brilhantissimo, engenheiro militar, logo após, e ainda bem moço, vemol-o lente da Escola Superior de Guerra.

Ao alvorecer da Republica, eleito á Constituinte, a voz dos chefes prestigiosos o designa desde logo como uma das figuras mais brilhantes pela valiosa cultura do espirito, pela energia intemerata.

Mais tarde, eleito governador do Pará, o pensador se nos revela o homem da acção: o apostolado converte-se em realidade e seu governo foi para o Estado um titulo nobilissimo de gratidão.

Mais tarde ainda, e ahi as excellencias do seu caracter de homem publico se manifestam; elle, unico, nos dá esse exemplo, em face da nação inteira; elle unico comprehende que mais vale a manifestação civica collectiva como uma affirmação; elle unico protesta contra o primeiro attentado á soberania (*Applausos*); elle unico, ainda mais puro, elle, que subira nos braços do povo ao fastigio do poder, quando precipitado das alturas pelas machinações da perfidia politica (*Applausos prolongados*) volta aos braços do povo impolluto como dantes, com a mesma fé nos ideaes, com a mesma energia, dando esse nobilissimo exemplo (permittam que o diga, com um pouco de constrangimento) num paiz em que os homens publicos desapparecem como sombras!

Os homens passam, as idéas ficam. Mas, que serão as idéas sem os homens? Quem contestará perante a sã razão que todas as idéas precisam de ser concretisadas?

Os homens passam, as idéas ficam. Mas as idéas precisam de homens que as traduzam em realidade.

Eis o valor moral desse homem: é que elle é um reivindicador para nós.

Apraz-nos insistir neste ponto, porque neste particular houve uma convergencia de sentimentos, uma estreita solidariedade de idéas. Não podiamos separar a veneração ao morto, a elevação que elle nos merecia, da elevação, da nobreza, do alto valor intellectual, moral, de Lauro Sodré. (*Muito bem.*)

E, senhores, como se não bastassem tantos e tão nobilissimos titulos meritorios, o illustre cidadão, que hontem, entre ovações delirantes, era carregado nos braços da mocidade, é ainda grato ao coração paulista por um titulo que falla ao sentimento de gratidão, no que elle tem de mais delicado: — Lauro Sodré será perpetuamente, em nossa memoria, o governador illustre, o amigo das artes professistas, cultor do

ideal, que foi arrancar ao estrangeiro o genio moribundo, duas vezes sagrado pelos laureis da gloria, pela corôa do infortunio, para dar-lhe o elevado posto de director do Conservatorio do Pará, ahi onde elle soube cercar o moribundo de todo o esmerado carinho, de toda a esmerada delicadeza que todos os paulistas jámais esquecerão. (*Muito bem. Palmas.*) E já nestes primores do sentimento se nos revela o elevado pensador, o elevado publicista, que, conservando a força do ideal na adversidade, fez prosélyto pela convicção que argumenta e orienta, a um tempo.

De Phocion, refere Plutarcho, que seus discursos eram plenos de elevadas imagens e nobilissimas concepções, enunciadas todas numa concisão que arrebatavam. Deste se póde dizer, que em suas orações transfundem-se todos os sentimentos da alma, que é um homem de ideal, por isso é um homem forte, um homem de acção.

Quem, senhores, póde ter acção forte e vigorosa sem ser idealista, idealista pelo sentimento, idealista que conserve os seus ideaes, que os revigore e que os possa transformar em acção? (*Apoiados.*)

Era, senhores, esse o nobilissimo espirito, era essa a voz amoravel que nos deveria evocar e reviver a existencia fecunda, a existencia de ensinamentos e de sacrificios do que foi em vida e será perpetuamente em nossos corações Francisco Rangel Pestana.

Tem a palavra o Sr. Dr. Lauro Sodré.

(*Bravos, muito bem, prolongados applausos*).

DISCURSO

pronunciado pelo sr. dr. Lauro Sodré, na sessão civica em homenagem ao dr. RANGEL PESTANA

O Sr. Lauro Sodré *(Applausos demorados. Movimento de attenção)*.— Minhas gentis compatricias, meus caros concidadãos.

Quando sob os meus olhos passou essa carta, que era a revelação de um superior sentimento de sympathia e de estima para commigo, na qual illustres, dignos e benemeritos representantes da idéa republicana neste Estado, na qual batalhadores indefessos do mesmo ideal pelo qual tambem eu batalho, me levavam o seu convite, de surpreza, para que eu viesse a esta grande e generosa terra trazer o protesto da minha solidariedade nesta festa solemnissima, eu senti uma dessas impressões, que passam na alma, e que dão calafrios á espinha, eu senti uma dessas grandes e profundas impressões, que abalam nos seus *ima fundamenta* a propria consciencia, e que obrigam ao mais sério e mais profundo escrupulo deante da tremenda responsabilidade, e nos deixam a hesitar se devemos obedecer aos impulsos do coração, que nos arrasta e propelle, ou se devemos ficar obedientes ás injuncções da consciencia, que olha para dentro de si mesma, e nos dá testemunho certo e inequivoco da nossa propria inferioridade, da nossa desvalia, do nosso demerito.

O coração de patriota, a alma de brasileiro, o sentimento de republicano, a saudade profunda e o amor, que eu consagrava a esse morto glorioso, esses sentimentos todos entravam-me na alma e determinavam-me a acudir pressuroso a essa honrosa invitação.

Ah! mas de outro lado eu sentia o grito de minha propria consciencia, essa especie de segredação do «*Cave, ne cadas!*», a dizer-me que eu devia recuar diante da tremenda responsabilidade e do pesadissimo encargo.

Era um orador que os meus illustres confrades queriam que comparecesse aqui? Mas esta terra, que é de tradições tão gloriosas, de um nome tamanho; esta bellissima terra pau-

lista, que vem de um passado de que se póde honrar, que tem uma historia tão cheia de paginas fulgentes e brilhantissimas, esta terra, que tem annaes, em que se registam feitos de titans e de luctadores que parecem gigantes; esta terra, que foi no passado o recanto deste trecho do territorio americano, onde primeiro o Evangelho, a palavra da Religião ecoou nas selvas, esta terra, em a qual foi ouvida pela primeira vez a palavra dos confessores da religião christã; esta terra que, nos primordios da civilisação brasileira, quando, deante dos nossos antepassados se fechava quasi impenetravel a floresta bravia, povoada de seres que levavam o terror e o espantalho a todos os espiritos; esta terra que nesse tempo deu os primeiros bandeirantes, os audazes pioneiros do progresso, os batedores da civilisação, que perlustraram o nosso solo e que palmilharam essa região brasileira, esta terra, fertil em oradores, abundante em talentos, onde tantas illustrações proliferam, onde esfervilham notabilidades carecia, porventura, de pedir, para além, um concidadão que viesse trazer a sua palavra á solemnidade presente?

Bem sabia eu que não. Mas o que os meus distinctos correligionarios, o que os confrades illustres quizeram, foi que comparecesse, aqui, um representante das mesmas idéas, que elles defendem, alguem que, vindo de longe, viesse trazer o testemunho da solidariedade republicana, viesse de paragens remotas, falando em nome das idéas republicanas e do extremo Norte,— estender a mão aos irmãos pela fé republicana e pelos mesmos ideaes da democracia; para dizer que a Republica é uma só, que nós, seja qual fôr o trecho do territorio brasileiro em que vivamos, somos os defensores dos mesmos principios, solidarios na defeza delles, irmãos para a vida e para a morte! *(Bravos. Palmas prolongadas.)*

E o que S. Paulo queria — eu bem o comprehendi, — o que S. Paulo queria, falando pelo orgão dos illustres promotores desta solemnidade, era que viesse falar deante de vós alguem que trouxesse de região recuada a alma cheia dos mesmos sentimentos que enchem a vossa alma; *(Applausos)* alguem que, vindo de outras bandas, tendo vivido fóra da immediata e directa acção de Rangel Pestana, fosse, como vós sois, um sincero, leal e grande amigo do glorioso e venerando morto *(Applausos)*; fosse, como vós sois, capaz de ter pela sua memoria essa mesma veneração que tendes todos vós, capaz de ter pela sua vida essa grande admiração que arrastou toda essa legião de patriotas a este recinto agora augusto e venerando, porque este recinto está por assim dizer convertido num templo, em que nós realisamos um acto de consagração civica, em que nós fazemos e praticamos um acto de religião, um acto de culto.

E foram esses sentimentos que eu vim confessar aqui.

Reunem-se sob a abobada deste templo, nesta hora, reunem-se aqui gentes de todas as edades, e; para que não lhe faltasse a significação cultual, que esta solemnidade devia ter como um acto de religião positiva, aqui compareceu a mulher brazileira, em cujos corações fala o sentimento da veneração e do amor. Reunem-se aqui os representantes de todos os credos; aqui comparecem os sectarios de todas as doutrinas; aqui estão dignamente representadas todas as fés.

E' que nós realisamos um acto de consagração civica; é que nós praticamos um acto de religião humana, positiva, na qual cabem associadas todas as doutrinas, na qual pódem entrar todos os credos, na qual é permittido que se liguem todas as almas, licito a todos os corações brasileiros acudirem a tomar parte nella.

Nós estamos aqui solidados por essa religião sagrada do patriotismo, e em face do patriotismo não ha accepções de pessoas, porque o patriotismo enche a alma dos sectarios de todas as crenças politicas, e patriota tanto é o que lucta pela victoria dos ideaes republicanos como o que acredita e pensa que os ideaes monarchicos são capazes de fazer a felicidade da nossa patria. *(Muito bem.)*

Meus caros concidadãos, não sei que fatalidade pesa sobre a Republica Brasileira. Não sei que mão de uma providencia ignota mas impiedosa e tremenda vem golpeando e acutilando todos os grandes cedros da floresta democratica, abatendo os mais giganteos luctadores da doutrina e do evangelho da democracia, que nós procuramos servir no limite dos nossos esforços.

Hontem era aquelle que prestou a sua espada fulgida, gloriosa e limpida á victoria do ideal republicano, fazendo della o santelmo que devia guiar as legiões que abriram caminho para a conquista da democracia na jornada gloriosa de 15 de Novembro; — era Deodoro, cujo braço possante e invicto executou o plano admiravelmente tracejado pelo cerebro de Benjamin Constant.

Depois era este, era o apostolo, era o doutrinador, era o evangelisador, era o mestre, era o grande, era o confessor, que tambem caía, ferido pelo golpe da morte.

Mais tarde era o velho chefe da democracia brasileira, que todos nós da geração, que vive agora sob o peso da responsabilidade de guiar a Republica, quando abrimos os olhos para a vida politica e para as luctas da actividade publica,— encontramos dirigindo as legiões do credo novo e ensinando o evangelho republicano; era esse glorioso e immorredouro Saldanha Marinho.

Mais tarde, a mão da morte caiu implacavel sobre o glorioso ministro do governo provisorio, esse emerito e inolvidavel Aristides Lobo, esse modelo de ensinadores, esse grande

jornalista, que tantas vezes tambem nos amostrou o caminho do dever.

Depois, era o morto sempre vivo, tão grande que nós não errariamos dizendo que, para o seu corpo agigantado (porque nelle cresciam as dimensões physicas, pela enormidade da idéa que se dilatava e se estendia, germinando no seu cerebro), que para elle mal poderiam chegar os sete palmos de terra que a convenção social e as leis humanas marcam para cada um de nós, afim de que nessa crypta caibam os residuos materiaes, que tem de ser restituidos ao seio da terra, — era Silva Jardim. E, para receber o seu corpo abriu-se uma frincha na crostra terrestre, para que dentro daquella cratera caísse o colosso, trazendo a todos nós um sentimento de profunda angustia. *(Muito bem.)*

Depois, vós vistes, orphan de um grande filho, vistes a Republica, *mater-dolorosa*, vistes a Republica, a Rachel inconsolavel, porque, após as grandes luctas, em que só podem entrar os Briareus e os titans, o seu corpo caía, e nessa quéda produzio a commoção social, que abalou profundamente a consciencia publica.

E vós sabeis o que esta Nação sentio nessa hora angustiosa e nesse momento doloroso.

A noticia desse finamento foi de bocca em bocca atravez de toda a superficie de nossa terra. Foi de Estado em Estado, passou de cidade em cidade, foi de villa a villa, chegou ás ultimas aldeias, aos mais pobres povoados; entrou no Sanctuario de todos os lares. E essa noticia encheu todos os Estados, todas as cidades, todas as villas, todas as aldeias e todos os lares, pondo por toda parte uma nota de profundo pezar. Essa noticia era a noticia da morte de Floriano Peixoto. *(Muito bem, bravos, palmas prolongadas.)*

E a sua memoria veneranda e sagrada bem disseram-na todas as mães, porque elle tinha operado essa grande obra redemptora, tinha salvo a Republica pela sua energia (*Muito bem*), pela sua acção, pela sua lealdade inquebrantavel; porque ainda ninguem, posto no pinaculo do poder, fez mais do que elle, estendendo a mão forte a todos os republicanos, trazendo para a alta governação de todos os Estados os homens de sentir genuinamente republicano, convencido, certo, de que, se a Republica é o largo campo, extenso e aberto em que devem caber todos os que sabem combater pela causa publica, não pode ser bem organisada senão pela acção dos que a evangelisaram nesta phase critica, revolucionaria, organica que estamos atravessando. (*Muito bem.*)

Depois chegou a vez do eminente propagandista e carissimo amigo, do chefe inesquecivel, da alma santa e veneranda de Rangel Pestana!

Eu tive a rara fortuna de ouvir-lhe muitas vezes a pala-

vra, de receber dos seus labios o conselho, de ouvir da sua bocca uma phrase de encorajamento e de conforto, porque nunca, jámais, a fé desertou do seu coração; nunca a crença deixou vasia a sua alma; nunca os ideaes abandonaram o seu espirito, sempre fortalecido, sempre avigorado, sempre em contraposição ás fraquezas do seu organismo.

Foi o maior poéta da França, foi o grande autor da *Legende des Siècles*, quem disse uma vez:

> « *C'est un prolongement sublime que la tombe,*
> *On y monte etonné d'avoir cru qu'on y tombe* »

Sim, na phrase do grande poéta, é profundamente verdadeiro que ha tumulos que são verdadeiros berços, ha tumulos para cujas profundezas a gente não desce como quem desce para os amagos impenetraveis da terra escura e tenebrosa. Ha tumulos que não se rasgam diante de nós como sepulcros, em que o homem desapparece e se anniquila. Ha tumulos que não são fendas da terra, que possam ser fechadas com as lapides de granito branco.

Vós sabeis que lá no passado, consoante as narrações das escripturas sagradas, houve um grande evangelisador, um typo de rabbino e de propheta. Elle trazia para a humanidade cançada de soffrer, uma palavra de esperança; elle annunciava uma idéa salvadora; elle pregava a regeneração do mundo; elle annunciava a elevação da mulher, — e houve um escriptor que já disse que a virgindade de Maria foi a arca santa em que se salvou a mulher.

Pois esse pregador de um evangelho novo, esse mestre de multidões, esse guiador de povos, um dia caio sob as cutiladas dos algozes, ferido por inimigos, enxovalhado, cuspido, tantalisado, martyrisado; e o seu corpo foi mettido dentro de uma sepultura, caindo sobre elle a pesada porta do sepulcro, a louza impenetravel, fria e limpa.

Pois o amor, que é mais forte do que a morte, o amor levantou essa pedra, e, levado pelas almas dos seus sectarios e dos seus discipulos, levantado pelo coração das mulheres, dos confessores da nova fé, aquelle grande sabedor saio das profundezas desse tumulo, esse grande evangelizador e apostolo teve a sua gloriosa transformação.

Esse homem não tinha morrido, esse homem tinha resurgido para a eternidade, sempre vivo, sempre grande, sempre o mesmo aos olhos da humanidade, após o escoamento de tantos seculos.

Oh! eu creio que a alma é eterna; eu creio que se a materia não se destróe, embora nós sejamos o que dizem as escripturas, o pó que se converte em pó: — *pulvis es* —; creio que, se a materia não desapparece, segundo essa lei

scientifica, esse theorema de physica, que nos é ensinado desde os tempos remotos da philosophia grega, resumida no bello e immortal poema de Lucrecio; se a materia é eterna, tambem eterno é o espirito, a ideia, a consciencia.

E' por isso que acredito que a alma não morre, é por isso que acredito na eternidade do espirito, é por isso que acredito nesse dogma da Religião e da sciencia positivas. Acredito nos grandes ensinamentos que nos dá a sciencia. Acredito que ha uma vida subjectiva, que se eternisa atravéz de todos os seculos, que ha apenas uma transformação. Mortos para a vida objectiva, mortos como organismos e corpos physicos, os grandes homens, os benemeritos, resurgem para todo o sempre, atravessam os seculos e ficam engastados no firmamento da Historia, onde hão de eternamente fulgurar e onde hão de ter as grandes lucillações dos astros, guiando os nautas que têm de velejar, perdidos, aos embates de todos os elementos, sempre alumiados e esclarecidos, por esses seres que *fulgebunt sicut stellæ.* Tem a Patria os seus caros idolos.

E desses idolos foi o patriota emerito, em commemoração de cuja vida nós aqui estamos agrupados, convencidos de que cumprimos um dever sagrado; estamos aqui reunidos porque está comnosco a sua memoria sacrosanta. (*Applausos*).

Elle está vivo nos nossos corações, está vivo na nossa alma, está vivo nas proprias energias do nosso corpo; porque, comnosco, ainda elle vive pelos actos do seu passado e de sua vida inteira, porque comnosco vive pelos grandes sentimentos que encheram a sua alma, porque vive pelas grandes idéas que constituiram o seu espirito de brasileiro, de republicano e de patriota. (*Applausos.*)

Nesta terra e no seio deste povo paulista eu não tenho que fazer a biographia de Rangel Pestana.

Sua vida é um livro aberto. Dentre vós quem não o folheou? Quem não conheceu um desses actos do seu passado que bastam para garantir a eternidade de um homem? Quem não conheceu uma nota de sua biographia sobeja para assegurar a immortalidade na propria consciencia nacional?

Sua biographia não careço fazel-a aqui. Vós todos sabeis o que eu tenho ouvido dizer e o que eu tive a felicidade de aprender quando comecei a consagrar as energias do meu espirito ás grandes luctas pelos ideaes da republica e pela victoria dos grandes principios da democracia, de que elle foi um dos primeiros e um dos mais fortes defensores e apostolos.

Aqui elegeu Rangel Pestana o theatro especial de suas grandes façanhas de luctador.

Nesse tempo mal se desenhavam em horizontes muito longinquos os primeiros arreboes da aurora da democracia, que se havia de transformar no grande dia radioso e esplendente de 15 de Novembro.

Nesse tempo ainda a nossa patria vivia sob a atmosphera fechada e entenebrecida e plumbea do regimen que findou.
Nesse tempo mal appareciam como uns cimos luminosos, perdidos e isolados num extenso valle trevoso, os grandes propagandistas da grande idéa, os pregadores dos novos dogmas. Dentre esses raros, dentre esses poucos doutrinadores, de entre esses rarissimos mestres, maximo entre os maiores, foi elle, posto sempre entre os que mais se avantajavam, na vanguarda de todos os que iam na frente. E nas mais fortes e renhidas pelejas figurou elle, que melhor do que nenhum outro sabia, nas horas das grandes luctas, apontar as veredas mais seguras, mostrar onde estavam as tortuosidades e onde estavam as direcções rectilineas; onde estavam escondidos os escolhos e onde era o mar largo e navegavel, por onde podiam ir a velejar os que queriam chegar á meta cubiçada, ganhar o norte collimado.

Era ao lado de Rangel Pestana toda essa legião de grandes batalhadores, uns que ainda hoje vivem cultivando e guardando intactos os seus idéaes, outros que já se partiram antes delle, eliminados pelos actos decretorios de um implacavel destino.

Era ao lado delle, esse que S. Paulo tantas vezes levantou e exalçou e que o Brasil inteiro levou ás culminancias do poder, cheio de esperanças, — e desse numero eu fui, porque na hora em que o seu nome appareceu para nós republicanos como a senha de combate eu fui dos que em publico, alto e bom som, o proclamaram digno e capaz de occupar as mais elevadas posições na Republica, pela sua pureza de sentimentos, pela seriedade da sua conducta, pela respeitabilidade de seu caracter sempre integro, pela elevação de suas vistas — Prudente de Moraes *(Bravos. Prolongados applausos)*.

Era Americo Brasiliense, o grande mestre que tambem foi entre os que melhor ensinaram a fé na democracia e a religião da Republica.

Era Pereira Barreto, o illustre e grande espirito, o sabio que eu, ainda academico, conhecia como um guiador, porque, foi lendo pela primeira vez paginas de livros seus, que então eram entre nós communs, que eu aprendi os primeiros capitulos da grande Biblia da humanidade, desse Evangelho do seculo XIX, feito só de sciencia.

Era Cerqueira Cesar, era Bernardino de Campos, era Martinho Prado Junior; eram ao lado destes tantos e tantissimos outros, como Francisco Glicerio e uma legião inteira, porque elles eram já nesse tempo legião. Porque S. Paulo teve esta grande ventura, S. Paulo teve esta admiravel gloria: fornecer á Republica os primeiros e grandes evangelisadores; S. Paulo deu antes de quaesquer outros Estados, a partir de 1870, deu á Republica a cohorte intemerata que, armando-se para as

grandes luctas, que iam ser travadas, nunca mais descançou emquanto a idéa não triumphou, nunca mais gozou horas de repouso, emquanto a Republica não appareceu triumphante, assegurando e garantindo o futuro de nossa patria.

Meus concidadãos! Para muitos dentre vós, como para mim, ha um certo feitio de politica, uma certa fórma de crença, um certo conjuncto de principios, uma certa combinação de dogmas e de doutrinas, que receberam uma denominação, que se encarnaram em um nome, que figuram como uma especie de religião democratica, como uma especie de politica a que o nosso glorioso e venerando mestre, que se extinguiu, deu nome « a politica de Floriano Peixoto ».

Se o Florianismo foi um dia um credo, se o marechal Floriano Peixoto foi uma especie de Christo, e para que elle o fosse não lhe faltaram nem ao menos os Judas de Kerioth; *(Prolongadas palmas, vivas á memoria de Floriano Peixoto, vivas á Republica e ás memorias de Americo Brasiliense e Prudente de Moraes)* se Floriano Peixoto encarnou na sua pessoa veneranda toda essa politica que Rangel Pestana appellidava politica genuinamente nacional, porque elle queria antes de tudo o engrandecimento da patria, *(muito bem)* queria antes de tudo o Brasil digno e obra dos brasileiros *(bravos, muito bem)* porque elle queria fazer desta terra uma terra essencialmente americana; se Floriano Peixoto um dia encarnou em si esses principios e os concretisou todos, servindo de labaro que ainda não se enrolou e não se ha de enrolar jamais; — esse Christo teve tambem o seu S. Paulo. E esse S. Paulo, — porque escreveu o Evangelho dessa religião e reduziu a sentenças a doutrina della — foi exactamente Rangel Pestana! *(Palmas prolongadas)*.

Sim. Foi Rangel Pestana, porque foi elle que condensou, num folheto que pelas suas dimensões nada vale, mas que pela sua substancia, pela sua essencia, vale tudo; foi elle quem condensou, — em pouquissimas paginas, que não tem dimensão maior que os Evangelhos que constituem as escripturas sagradas, — as mais elevadas idéas, os mais notaveis ensinamentos, os mais puros e sagrados principios de sã politica. *(Muito bem)*.

E é nesse livro que encontrareis realmente definidas as ultimas, as derradeiras idéas de Rangel Pestana; é nesse livro que aprendereis a conhecel-o tal qual sempre elle foi — um integro, uma individualidade que veio realisar o typo essencial do grande homem, porque já o poeta dizia: « o que é uma vida? É uma concepção da mocidade realisada pela edade madura ».

Vós encontrareis em Rangel Pestana velho as mesmas idéas de Rangel Pestana moço. Vós encontrareis sempre e sempre, atravez de todos os passos de sua vida, as mesmas

idéas, as mesmas opiniões, a mesma doutrinação, os mesmos principios. Era bem elle o homem de um só parecer e de uma só fé.

Não ha muito que eu pensava na vida agitada, atribulada, e tanta vez cheia de dissabores, de Rangel Pestana.

Eu sei que, feita a Republica, muita vez a sua alma se amargurou. Eu sei que, feita a conquista gloriosa de 15 de novembro, quando nós trocamos o alvião de destruidores, o instrumento de solapação, pela garlopa de constructores e pelos instrumentos de organisação, ao seu espirito de republicano muitas vezes chegou a aura do desalento; eu sei que elle sentiu grandes dores e maguas profundas. Nunca, porém, tão grandes foram essas dores nem tão profundas foram essas maguas que do seu espirito afastassem a fé e que no seu coração fizessem esmaecer o sentimento de amor por essa Republica que elle continuou a amar sempre e sempre, até a derradeira hora da vida, até a hora de sua morte calma e serena. *(Bravos, applausos).*

Elle pertencia a essa phalange de politicos que têm a politica como uma sciencia, que acreditam que ha leis eternas para reger os phenomenos da ordem sociologica; que acreditam que o conjuncto dos phenomenos naturaes não tem solução de continuidade e que, se ha uma lei de gravitação universal, se ha essa lei, tal qual a descobriu nos espaços celestes o genio grandioso de Isaac Newton, quando demonstrou á humanidade que os astros seguiam as suas orbitas em virtude da lei de attracção universal que rege a materia, desde o atomo até o macrocosmo; que, se ha leis que regem os phenomenos de ordem chimica, os phenomenos de ordem biologica, ha tambem leis fundamentaes, tão seguras, tão certas e tão infalliveis como essas, que determinam a evolução das sociedades, que regulam o caminhar e o progredir dos povos em demanda do seu futuro, na conquista da civilisação e na realisação do seu progresso.

Era compenetrado dessa idéa de que as sociedades caminham para o seu desenvolvimento com tão grande segurança, com tamanha certeza, com tão inabalavel e indiscutivel força, como as estrellas que rutilam no firmamento, seguem o seu trajecto para regiões desconhecidas, mettidas em profundidades do firmamento, onde a vista armada de instrumentos penetrantes ainda não póde chegar, que Rangel Pestana acreditava, como um espirito culto que era, que a Republica entre nós surgiria á sua hora azada e certa. Elle acreditava antes que a evolução seria bem lenta; acreditava que a Republica havia de vir com a realisação de aspirações que eram já seculares.

Feita a Republica, elle era dos que entendiam, como entendemos nós, os que temos fé nos dogmas da sciencia; era dos que entendiam que a Requblica havia de ser sempre uma Republica viva e nunca uma Republica morta; era dos que

entendiam que, feita a Republica, a nossa patria não deveria desandar para o passado; que entre nós não se poderia operar esse milagre da resurreição dos corpos mortos, porque o periodo dos milagres, na ordem individual e collectiva, já passou, porque a época dos thaumaturgos já não é mais do seculo XX.

Como Rangel Pestana, — e porque precisamente aprendi nas paginas das suas escripturas, — eu sei que a Republica tem grandes erros, e tremendos. E agora que elle desappareceu de entre nós, eu não quero que se suma a sua palavra nesta critica severa, implacavel, mas justa, que apontava os erros, denunciava as falhas, que revelava os crimes.

Mas, sejam quaes fôrem esses erros e essas falhas, sejam quaes fôrem esses desacertos dos que têm governado a Republica, guiando-a tanta vez por erradas e tortuosas veredas, uns palinuros desastrados, pouco amestrados, alguns levados por erros, inconscientes, e outros porventura arrastados pela propria ignorancia das leis da Historia e dos ensinamentos da sciencia politica; sejam quaes fôrem esses grandes erros, muitos dos quaes são verdadeiramente imperdoaveis, é necessario que nós nunca deixemos de confessar, principalmente deante das gerações que agora vão medrando e em cujas almas vae brotando viva a fé, é necessario que nunca deixemos de confessar que a Republica entre nós appareceu como uma idéa salvadora, como uma idéa redemptora, surgio como um verdadeiro sol a espancar uma noite tormentosa, e que não é possivel sahir da Republica para voltar a um passado sem luzes.

Não! é no futuro que está a edade de ouro da nossa patria. E' para deante de nós que está a meta que nós devemos alcançar um dia. O norte que devemos seguir está para lá, para os afastados tempos que hão de vir. A Republica ha de crescer com o andar dos annos. A Republica ha de fortalecer-se com o passar dos dias. Ha de melhoral-a a experiencia politica que vamos ganhando, porque só os espiritos obcecados, os espiritos desorientados, os espiritos mal illuminados pelas claridades da sciencia, podem acreditar que as sociedades evolvem retrogradando, que as sociedades caminham retrocedendo, e que os povos que sempre vão para deante são capazes de progredir *en arrière.*

A Republica o que foi entre nós?

Tendes ouvido, porventura, dizer, nessa critica facil, insensata e commum de todos os dias, que a Republica foi o resultado de uma conspiração de casernas. Já o escreveram espiritos politicos de grandes quilates.

Não, meus caros concidadãos. A Republica foi a realisação de um sonho que datava de mais de um seculo.

O que foi a Republica senão a execução, em época determinada, segura, prevista e annunciada com a maior segurança e certeza pelos espiritos cultivados; o que foi ella senão a reali-

sação do sonho glorioso dessa geração de benemeritos, que fez entre nós a revolução da Inconfidencia? A Republica, o que foi senão a realisação dos sonhos da geração de 1817 e dos grandes batalhadores de 1824? A Republica o que foi senão a conquista admiravel das grandes liberdades, pelas quaes nós viviamos a batalhar, senão a realisação de esperanças que eram legitimas num povo que se fez maior, senão a realisação de ideaes que eram perfeitamente justos numa nação e no seio de um povo americano, que quer ser sempre e sempre egual aos demais povos irmãos, que vivem neste immenso e extraordinario continente, varrido de pólo a pólo pelas auras da liberdade?

Pouco ha, muito perto vinha já de desapparecer no tumulo, e Rangel Pestana levantava no senado Federal a sua voz auctorisada e sempre ouvida com silencio religioso, para denunciar a situação a que o nosso paiz ia chegando, para definir as tristes condições em que nos achavamos pelo nosso desacerto, condemnando a nossa imprevidencia e descuido, deixando-nos ficar impotentes e desarmados deante de todas as nações que se armavam, ameaçadoras, inaugurando uma phase de luctas internacionaes, que é verdadeiramente uma phase excepcional, porque faz pensar que nos encontramos em um periodo triste, que é um verdadeiro retrocesso, em que sociedades chegam na sua trajectoria, a um desses pontos em que ha verdadeiras inflexões, em que a lei da evolução social, que marca a passagem da phase de luctas para o periodo pacifico e industrial, soffre uma excepção, em que a humanidade é regida pelo aphorismo de que fallava o grande escriptor inglez, a lucta da vida entre os povos, a lucta do homem contra o homem, a lucta de todos contra todos, *bellum omnium contra omnes*, em que parece que essas grandes idéas de fraternisação universal e de paz entre os povos comecem de ser esquecidas, para que as nações, armadas e postas uma deante de outra, entrem a batalhar pela conquista e accrescimos de territorio.

Rangel Pestana, patriota e brasileiro, deu o rebate e levantou a voz, ensinando que ao lado destes sentimentos de fraternidade universal é mister que não desappareça o sentimento superior do amor á patria; é necessario que dentro desta idéa grandiosa da unidade, que ha de no futuro fazer do genero humano um corpo só; é necessario que dentro dessa idêa geral da humanidade caiba a noção grandiosa e positiva da patria e cada um de nós não esqueça de que é obrigado a defender com amor esse pedaço do glôbo, essa nesga de terra onde primeiro viu a luz meridiana, onde primeiro ensaiou seus passos, onde primeiro se abriram os olhos á claridade do sol, onde primeiro balbuciou a primeira palavra e aprendeu a primeira lição, — que nos ensinou a amar a liberdade e a querer a justiça. (*Applausos.*)

Rangel Pestana mostrou nesse ponto as falhas da nossa organisação republicana. Rangel Pestana ensinou que era necessario caminharmos para o progresso com os elementos que são essenciaes para sua defensão e realisação; que a nação brasileira se apparelhasse para a sua legitima e essencial defesa e que na lição do passado, que colheu a nossa patria, na hora em que contra nós se levantaram hostes aguerridas de estrangeiros, — que a lição do passado servisse para o presente, e que nós, em vesperas de sermos tambem colhidos por essas surprezas que estão a bater ás nossas portas, como ameaça á integridade de nosso territorio, não nos deixassemos ficar desarmados, impotentes, para manter a nossa honra, o nosso brio e a integridade do sólo sagrado da patria! (*Applausos.*)

Rangel Pestana proferiu essa lição. Elle era, antes de tudo, um doutrinario.

Um jornal que nesta terra é insuspeito, porque serve ideaes que não são os que elle defendeu, fazendo-lhe um elogio que honra a redacção dessa folha, tanto quanto honra ao glorioso morto, disse que nas linhas do seu rosto havia os traços severos que denunciavam o mestre.

Elle era, realmente, como disse esse jornal, e como elle se intitulava, um doutrinador, mas um doutrinador cujas doutrinas servem para guiar a vida pratica.

E sabeis porque era elle um doutrinador? Porque tinha a politica como uma sciencia, porque não tinha duas moraes, porque como homem publico era o mesmo homem que sahia do lar; é porque a moral do homem privado era a mesma moral do homem politico: é porque elle sabia que não se póde ser bom cidadão, amar a sua patria e bem servil-a, sem ser um bom chefe de familia, um bom pae e um bom esposo. (*Bravos, applausos prolongados*).

Nós estamos vivendo uma phase que é verdadeiramente critica para a Republica.

Eu penso como pensava Rangel Pestana — que neste periodo em que os erros de um passado, que é maior do que o passado da Republica, nos metteram; que neste periodo critico em que fomos mergulhados por desacertos dos governos republicanos, mas que são aggravados pelos desacertos anteriores dos proprios governos monarchicos; que neste periodo anormal, em que vemos desalentadas as industrias, desanimada e moribunda, como se annuncia, a agricultura, em que vemos todas as classes sociaes tomadas de descrença e perdendo a esperança e a fé; neste periodo, é necessario que essas theorias que se intitulam liberaes e que vão até o chamado nihilismo governamental, é necessario que essas doutrinas que pregam a politica da abstenção, que ensinam e mandam que o governo cruze os braços, indifferente aos males do povo e ás afflicções que padecem hoje todos os membros da collecti-

vidade brasileira, é necessario que essas doutrinas sejam postas de lado, é necessario que os governos saibam e queiram governar como devem, e impulsionem, e animem e encoragem; que os governos, na phrase de Gambetta, o eminente e esclarecido espirito da França, sejam verdadeiros propulsores de progresso.

Entendo, como elle pensava tambem e entendia que, em quadras como esta, bem e claramente excepcionaes, os ensinamentos da sciencia economica, classica, não são os que mais servem para sociedades como a nossa, ainda incipiente; para povos, como nós somos, sem energias espontaneas, sem o espirito de associação, sem grandes riquezas accumuladas, sem capitaes, sem esse espirito de iniciativa, que caracteriza a raça anglo-saxonia.

E' necessario que, dado o nosso meio social e a nossa situação critica do presente, os governos cumpram o seu dever, acudam a essa situação afflictiva de todas as classes. E' necessario que os governos busquem e rebusquem medidas salvadoras, de que são capazes as leis e os actos decretorios, emanados das auctoridades superiores do nosso paiz, levando remedios a esses males, que não são apenas os males das classes mais favorecidas pela fortuna, não são só os males dos desajudados da riqueza. Isso é agora aqui e nesta hora um mal que toca a todos. Nem entre nós poderiamos dizer consoante á formula socialista, que os ricos são cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres.

Agora andam na nossa terra os ricos empobrecidos, e miseraveis os pobres. E, quando os ricos chegam a esse estado, quando dos lares, que em outro tempo foram ditosos, desertou a riqueza, o que não diremos do lar dos pobres, onde atravez das frinchas dos tectos humildes e das paredes mal seguras por onde entra o sol e a chuva entram tambem a desnudez e a fome!

Nesta quadra angustiosa, é mister pensar e crer numa Republica capaz de correspender á confiança de todos. Nós devemos lidar por fazer uma Republica verdadeiramente social, estendendo a mão aos que padecem, levando a consolação a todos os lares. (*Palmas, bravos, muito bem.*)

Bem sabia elle, o grande morto, que discordava da propria sciencia porventura professada quando deante da situação angustiosa do presente, entendia que era necessario proteger entre nós o trabalho nacional; que era necessario entre nós proteger a industria, proteger as artes, promover o desenvolvimento e o progresso da instrucção publica porque elle não poderia querer, como eu tambem não quero, a instrucção convertida em uma industria privada.

Meus concidadãos, quando a gente se encontra diante de situações como a situação presente da nossa patria, não ha

como confiar indifferente, na evolução espontanea, deixando que as coisas vão por si.

Eu sei que a Republica tem erros necessarios. E' mister attender para elles e desculpal-os, não dando a responsabilidade de grande numero delles aos que têm dirigido os destinos da nossa patria.

Nós fizemos a mais profunda, a mais larga, a mais séria transformação que já padeceu um povo. E não ha (é um aphorismo de sociologia positiva e aphorismo que rege todas as sciencias) transformação a um tempo profunda e instantanea. Nós saimos da centralisação ferrenha que era a caracteristica do imperio para essa larga federação que quasi dissolve a unidade da patria (*Muito bem*); saimos de um regimen de religião do Estado, em que viviamos sob a tutella e patrocinio do chefe da Egreja Catholica para o regimen da liberdade absoluta da consciencia (*Muito bem*), garantindo e assegurando a constituição republicana que deante della e debaixo de sua umbella cabiam todas as fés, todas as doutrinas e todos os credos,

Nós viemos de um regimen parlamentar a que se tinham affeito as gerações, que dirigiam a evolução do Brasil sob o governo imperial, e passamos para um regimen presidencial á americana, um governo de gabinete, na phrase de Bagehot e passamos tão rapidamente e tão bruscamente que essa transição nos deu tonturas, taes e tantas que, vivendo no regimen presidencial á moda americana, fazemos muitas vezes inconscientemente regimen parlamentar quasi á moda ingleza.

E porque não ligar a essa transição profunda e grande, que caracterisa a evolução republicana, essa transformação que marca tão nobremente a phase derradeira do imperio no nosso paiz? Porque não dizer que quando a Republica surgiu no Brasil nós mal vinhamos saindo da noite tenebrosa da escravidão, o maior de todos os crimes que já pesaram sobre o povo brasileiro? (*Bravos, palmas.*)

E uma revolução assim tão larga e tão profunda, que convulsionou até os seus fundamentos a nossa sociedade, uma revolução profundamente abaladora e grave poderia ser realisada sem grandes incertezas e sem grandes luctas?

Ninguem o poderia suppor.

Nós sabiamos que Republica havia de atravessar uma phase de grandes luctas e de grandes trabalhos; nós sabiamos que teriamos de aprender á nossa custa, á custa de grandes erros; sabiamos principalmente que esta geração de politicos noveis, que entrou a assumir a responsabilidade da direcção do paiz em época assim de tão grandes abalos e de tamanhos riscos e perigos, vinha, para tão extraordinaria missão, mal apparelhada.

Mas, embora diante desta tremenda crise, nenhum de

nós acreditou nunca que o verdadeiro passo para a evolução do nosso paiz, para a Republica e para a victoria da idéa da democracia, que seria a dignificação da nossa patria, haveria de fazer-se, como acreditavam os sonhadores do Imperio, sob a propria direcção da realeza, e que nós sob o Imperio é que deveriamos nos apparelhar para a transformação politica que faria da Republica uma realidade no nosso paiz. Esse argumento, que é uma raciocinação esdruxula e original, corre parelhas com essa outra fórma errada de argumentação, tão conhecida no tempo da escravidão, graças á qual os sectarios e partidistas da escravidão entendiam que o Brazil não deveria dar esse salto agigantado e colossal, saindo da noite da escravaria para defrontar a luz forte e intensa do sol da liberdade; que o Brazil não deveria sair desse periodo em que nós viviamos vergonhosamente como uma excepção entre todos os povos da America e de todo o mundo civilisado, sem ter primeiro habituado o escravo, esmagado sob o regimen do azorrague e do tronco, ao gozo da liberdade. (*Palmas repetidas.*)

Quando ha pouco fallava nos grandes males da Republica, era para dizer-vos que delles ha tão grandes e taes que eu os tenho por constitucionaes.

E é certo que muitos desses a Republica não ha de corrigil-os por processos e com medidas ordinarias e leis communs; que a Republica não ha de destruil-os sem grandes transformações; que a Republica não ha de arrancal-os do seu seio, limpando-se dessas fealdades, senão pela revisão do seu pacto constitucional. (*Muito bem, muito bem, bravos, palmas prolongadas.*)

Ha na Constituição Republicana de 24 de Fevereiro, ha nessa carta fundamental das nossas liberdades, a consagração de principios que são, por assim dizer, a alma mesma da Republica. Ha nella principios que são a sua propria essencia e que não podem ser destruidos sem que essa carta seja rasgada, sem que seja para logo destruida a propria Republica. (*Palmas, muito bem.*)

Esses principios são: a liberdade da consciencia humana; essés principios são, no que elles têm de essencial, a idéa da federação, que deu aos Estados o direito de viver, não como independentes e soberanos, mas como elementos autonomos de um grande todo, que é a União Brazileira, a grande Patria commum; (*Muito bem, bravos, muito bem*) porque sou dos que fazem restricções a essa largueza de soberania, sou dos que entendem que a Republica não ha de ser feliz emquanto dentro de cada circumscripção territorial, que constitue o Estado, couberem governadores ou presidentes de Estado que são uns como despotas, uns como satrapas, (*Palmas, bravos, muito bem*) collocando sua vontade superior á vontade soberana da lei.

Porque vós sabeis, como eu sei, e sei dolorosamente, porque tenho a triste e angustiosa licção do que observo no Estado a que tenho a fortuna de pertencer, que ha porções de terras brazileiras onde cidadãos brazileiros, no gozo dos seus direitos e regalias são cruelmente acutilados nas ruas publicas sem terem ao menos direito de appellar para a justiça e esconder-se á sombra da toga dos magistrados. (*Muito bem. Applausos.*)

E sabeis porque, nesta hora de angustias inegualaveis, a toga do juiz não ampára os que soffrem? É porque esse juiz é o instrumento da politicagem local (*Bravos, applausos*), é porque esse juiz envergonha a propria imagem da justiça (*Bravos, applausos*), é porque esse juiz não tem a sua toga limpa e nitida para que nella possa reflectir-se a imagem sagrada da lei! (*Bravos, prolongados applausos*).

E, meus caros concidadãos, eu não sei o que mais do que a garantia da justiça possa salvar os povos, que desapparecem no dia em que lhes falta esse derradeiro amparo, essa ultima esperança.

É necessario que a Republica ája por seus directores e pelos seus proceres, feita e refeita de fórma que a constituição federal não seja só uma lei para reger uma abstracção, que é a União, mas que impere no Estado do Pará, como no de Matto-Grosso e em todos os demais.

É necessario que a constituição federal seja uma carta que tenha realisação effectiva em todo o territorio brasileiro. Em todos elles lettra viva e nunca e em nenhum delles lettra morta. (*Bravos, applausos*),

Vós sabeis que ha constituições tão erradas, como as do Pará e do Amazonas, e porventura outras em que os governadores do Estado são armados — é doloroso dizel-o! — da faculdade de decretar o estado de sitio, suspendendo as garantias constitucionaes que a Carta constitucional de 24 de fevereiro decretou. (*Muito bem*).

E então uma Republica assim, com elementos que permittem o seu falseamento, póde continuar a viver sem que nella sejam feitos os toques e retoques que já agora são apontados como uma necessidade em todo o paiz? Uma Republica que tal, poderá viver, sem que se faça a revisão de seu codigo fundamental para corrigir os defeitos que ficaram nelle? É necessario, meus caros concidadãos, que os republicanos não tenham medo da revisão constitucional; é necessario que nos convençamos de que a Republica não corre perigo porque vamos emendar os erros da sua organisação (*Muito bem*); é necessario que nos convençamos de que não podemos continuar a ser o que somos, tidos e havidos como um todo desharmonico de vinte pequenas patrias. É necessario que não continuemos a viver concorrendo, cada membro da federação brasileira, cada parte dos proprios Estados, representados pelos

municipios de que elles se formam, para estabelecer barreiras que separam o povo brasileiro do povo brasileiro, criando entre o Estado do Pará e outros Estados da União divisões tão profundas e tão largas que a gente pensa que saindo do Estado do Maranhão entra no do Pará em terra estrangeira! (*Bravos. Palmas prolongadas*).

É por isso que eu não recúo diante da responsabilidade de confessar esse credo, como tantos têm confessado, porque é já agora uma legitima aspiração brasileira, confissão que já fiz por escripto e que faço nesta hora tão solenne, sob a responsabilidade e auctoridade desse chefe benemerito; é por isso que não recúo diante da confissão desse modo de sentir e de pensar, que é de um republicano e de um brasileiro, que quer uma Republica grande, uma patria unida e feliz. (*Muito bem*).

Nós estamos em época que algo de semelhança parece ter com a época que atravessou a America do Norte, quando o art. 2.° da Confederação de 1777, estatuiu: « os Estados guardam a sua soberania, a sua independencia, a sua liberdade ».

E era nessa occasião que o grande e eminente patriota Jorge Washington confessava que a Confederação era uma verdadeira sombra, não era uma realidade, porque não havia propriamente um povo americano, que, quanto mais os habitantes dessa nação tinham o pensamento de se intitular americanos, individualmente cada um mais se considerava cidadão de seu Estado natal, caroliniano, pensylvaniano, virginiano.

Nós vivemos em periodo semelhante a esse periodo, e é necessario sair delle. É para isso é preciso dar o passo largo, grande e certo.

Meus concidadãos, Rangel Pestana foi um bom e bello exemplo.

Deve o seu nome perdurar no fundo de nossos corações.

Continuemos a beber na sua vida a licção que ella toda encerra e para todos nós.

Elle pertencia a esse grupo de politicos que não conhecem a arte de governar sempre, que não são politicos praticos, porque preferem cair com os principios, com os ideaes, para ficarem de pé, que preferem descer das ameias do poder comtanto que tragam limpa a consciencia e immaculada a alma, (*bravos*), que não conhecem a theoria do equilibrio em todos os partidos e entre todos os grupos. Elle pertencia a esse grupo respeitavel e superior, que não conhece a theoria dos que, para se manterem e para viverem sempre nas alturas, alijam, como sobrecarga e como peso que lhes impede a conservação da estabilidade, os principios, que ensinavam na vespera e as idéas, que defendiam no seu passado.

Como elle, eu não quero essa Republica que ahi está: a Republica dos grandes crimes, a Republica dos grandes odios, das violencias, das perseguições, dos vexames, das crueldades.

Eu quero uma Republica que seja verdadeiramente a patria de todos nós, uma Republica que tenha logar para os sectarios de todas as doutrinas, em que haja logar para os proprios sectarios da monarchia. (*Muito bem, bravos. Demorados applausos*).

Eu quero uma Republica em que a liberdade da imprensa seja uma realidade, em que essa valvula da opinião nunca se feche, em que a tenda de trabalho do jornalista seja alguma coisa como o templo da liberdade, onde os esbirros do governo não penetrem para tirar, para arrancar de lá os idéaes que defendem idéaes, que constituem a sua propria alma, immolando-os em nome de uma lei e de uma constituição, que não podem ser nem a lei nem a constituição de um povo livre, emquanto nellas puderem caber as letras que auctorisem esses abusos e esses crimes. (*Bravos*). Eu não quero uma Republica que leve a desolação ao seio das familias.

Foi um grande poeta, que um dia atirou este grito de maldição sobre os perversos.

Hèlas! malheur à ceux qui font des orphèlins,
Malheur, malheur, malheur à ceux qui font des veuves.

Sim, malditos os que, em nome da lei e para salvação della tiverem de levar a desventura e a orphandade aos lares!

Eu não quero uma Republica que seja uma especie de monstro como esse de que falla a epopéa dantesca, esse *lopo maladetto*, que nas profundezas do inferno, de que fala o grande poeta, bramava: *Pappe, Satan, pappe Satan aleppe.*

Eu não quero uma Republica, que seja alguma coisa como a *bestia* da visão apocalyptica, com pés de urso e fauces de leão, *pedes ursis et os leonis*, com sete cabeças e dez pontas, *capita septem et cornua decem.*

Eu não desejo uma Republica que seja como esse horrendo cyclope Polyphemo, que nos pennejou o grande poeta latino — *monstrum horrendum, informe, ingens, cui lumen ademptum.*

Não! Eu quero a Republica santa; eu quero a Republica gloriosa; eu quero a Republica feliz, á sombra de cujas leis possam viver todos os brasileiros, como irmãos pela fé, pela religião do patriotismo. (*Muito bem*).

E não erro dizendo que no passado inteiro de Rangel Pestana estava encerrado esse ideal da Republica; que essa Republica que eu desejo era a Republica de Rangel Pestana. (*Muito bem.*)

Meus caros concidadãos! Ha homens que valem principios e que valem idéas.

Deste numero foi o cidadão benemerito em torno de cuja memoria sagrada nós nos reunimos aqui. (*Muito bem.*)

Nesta hora em que o amor da Patria nos congrega; nesta hora, em que estamos aqui todos animados pelo senti-

mento de veneração e de amor que lhe tributamos em vida; nesta hora em que elle revive na consciencia de cada um de nós; nesta hora em que o seu nome está gravado na memoria de nós todos, tomemos o compromisso solemne de seguir os seus conselhos. E nós, os que já temos filhos para ensinar e educar tomemos o compromisso de apontal-o como o mais benefico dos exemplos, e mostrar que é seguindo as pégadas que elle seguiu, que é, enveredando pelas veredas que elle trilhou, que é indo mar em fóra pelos proprios mares em que elle navegou, tomando-o como timoneiro para conseguir o porto cubiçado; que é, aprendendo as lições todas de sua vida, porque elle foi essencialmente um typo que se recommenda á estima publica; que é seguindo os exemplos de sua existencia moral, de sua vida de cidadão, de sua vida de esposo, de sua vida de pae, de sua vida incomparavel de homem, — que nós aprenderemos — a melhor servir á familia, á patria e á humanidade.

E é servindo á familia, á patria e á humanidade, que nós nos mostraremos verdadeiramente dignos da Republica e só assim é que nós poderemos conseguir a realisação dos grandes ideaes que elle defendeu e que elle serviu, e só assim é que conseguiremos uma Republica capaz de satisfazer aos seus sonhos de moço e ainda aos seus ideaes de velho batalhador e politico encanecido. E só então é que poderemos, com o mesmo orgulho com que o romano, olhando para a sua cidade que era tão grande que, na phrase de um escriptor, quem falava a ella falava ao mundo todo, *urbi et orbi;* só então poderemos, com o mesmo orgulho com que o cidadão da margem do Tibre dizia «*civis romanus sum*», dizer em face dos povos civilisados «*eu sou um cidadão brasileiro!*».

Bemdicta a memoria de Rangel Pestana, bemdicta a memoria do cidadão glorioso, que tantas vezes nos illustrou e nos guiou, bemdicta seja essa memoria que ha de eternamente illuminar os horisontes da nossa patria, que ha de sempre doirar de luzes brilhantes toda a historia deste grande Estado paulista, porque foi aqui que elle prégou a grande doutrina, foi aqui que elle abriu o evangelho da Democracia para nunca mais fechal-o.

Bemdicta seja a memoria de Rangel Pestana!

(Bravos. Muito bem, muito bem. Prolongada salva de palmas. Vivas á memoria de Rangel Pestana e a Lauro Sodré. O orador é muito felicitado.)

NOTA — Estes discursos foram estenographados e dados á estampa em paginas das fôlhas de S. Paulo no dia immediato á sessão civica. Taes quaes sairam a publico na imprensa, agora se editam.

O GRITO DA REVISÃO

As noticias que nos chegam de S. Paulo, referentes á grande homenagem civica prestada á memoria de Rangel Pestana, o grande propagandista da Republica, a alma pura e valorosa dos principios democraticos, confortam, enchem de uma grande coragem o coração brasileiro, já cançado e abatido por uma longa série de desillusões nascidas do falseamento do regimen escolhido para directriz dos destinos da Patria.

A commissão promotora dessa justa e merecida homenagem ao sereno vulto do grande jornalista e republico teve a idéa de convidar para orador official da imponente solemnidade o Dr. Lauro Sodré, o gladiador espartano dos melhores combates travados em pról da pureza do regimen.

A idéa não podia ter sido mais feliz. O puro espirito democratico, as immaculadas virtudes civicas de Rangel Pestana, não podiam ter melhor apologetica que a sahida da bocca eloquente, do alto espirito, do nobre coração de Lauro Sodré, o bravo e brilhante lidador da regeneração politica da Patria, mutilada pela inobservancia das verdadeiras praticas do regimen federativo, transformado em regimen feudal, pela creação em cada Estado de um nucleo oppressor e nefasto de olygarchas.

S. Paulo, o poderoso Estado brasileiro, recebeu em sua capital, de braços abertos, o valente tribuno, que ia levar a nova palavra e a nova fé fortalecedora dos animos, para a reconquista das verdadeiras liberdades, usurpadas por uma cavilosa interpretação do systema federativo.

Entre acclamações, como um verdadeiro triumphador, Lauro Sodré poz os pés na velha terra dos Andradas. A multidão como que sentia ancia de ver o perfil e applaudir a palavra de um puro, de fazer esfervilhar a sua alma deante da affirmação de um caracter que, no meio da decadencia e do desfallecimento dos caracteres, é dos poucos que sobrenadam, conservando a cabeça acima das ondas lodosas.

Essa manifestação, espontanea, ruidosa e franca, com que foi recebido o illustre patricio, prova bem que S. Paulo é ainda S. Paulo, a intrepida zona onde repercutiu o primeiro grito da nacionalidade e onde a Republica, durante o largo

periodo da propaganda, teve a sua vibração mais heroica e brilhante.

A commemoração realisada no theatro Sant'Anna teve uma elevadissima significação politica, excedendo o seu exito brilhante a toda a expectativa.

Por uma coincidencia, digna de se registrar, a apresentação de Lauro Sodré ao numerosissimo e escolhido auditorio paulistano foi feita por Martim Francisco Sobrinho, em cujas veias corre sangue dos Andradas, nome que traz logo á nossa mente a ideia da unidade e da grandeza de nossa Patria, do Brazil integro e vasto, formando o admiravel colosso cuja fórma e amplitude se confundem com a do proprio continente sul-americano.

A oração do eminente tribuno teve uma repercussão maravilhosa no espirito de todos que a ouviram. E' que a sua palavra era a verdade; é que ella traduzia um sentimento collectivo, esvurmando, como fez, os vicios que innocularam no systema, expremendo as chagas que entumecem o corpo ideal da Republica sonhada pelos evangelisadores e que uma turba multa de vandalos politicos esmagou com a pata brutal das ambições desmedidas.

O seu golpe de vista sobre a situação actual do paiz, a sua critica profunda sobre os attentados politicos, a sua analyse sobre os desacertos e os abusos administrativos, a sua synthese sobre a deturpação criminosa do regimen, e, sobretudo, o seu brado final indicando a necessidade da revisão, em nome da salvação da Patria, que se desarticula, golpeada palo fanatismo oligarcha e pretencioso dos Estados, pelo absolutismo regional de alguns regulos, sacrificando em nome de bastardos interesses pessoaes, a unidade homogenea, a cohesão intima da nacionalidade, tornaram a sua palavra em verbo messianico, trazendo na sua sonora vibração a hypothese do resurgimento, a esperança da reconstrucção do grande edificio, que vae ruindo ao choque do impiedoso, do barbaro e cégo alvião da prepotencia, que transformou todas as grandes circumscripções da Federação em arrogantes e ignominiosos sultanatos, onde alguns soberanetes, ridiculos, porém damninhos, desfructam as delicias de um poder de duvidosa legitimidade, geralmente conquistado pela fraude ou pelo suborno politico.

O Dr. Lauro Sodré, apontando a revisão como estrada nova a seguir em demanda do futuro, é o porta-voz esclarecido da consciencia nacional. Ella está em todos os corações; ella reside em todos os espiritos; ella bate em todos os peitos como o rufo glorioso de um tambor, na manhã de uma batalha, em nome dos interesses e da vida de um povo e da dignidade de uma bandeira que ameaça esfarrapar-se.

A amargosa experiencia de quasi tres lustros solicita uma

contramarcha nesse caminho que nos conduz á dissolução d
Patria, minado pelo satrapismo estadoal, que vae, por um
funesta comprehensão, ás vezes consciente, de um autono
mismo cespriano, extinguindo o sentimento de solidariedad
nacional, quebrando-a nos seus orgãos essenciaes, restringind
a orbita das suas aspirações mais legitimas.

A Federação, como tem sido e vae sendo praticada, com
esse concentramento absoluto na autonomia federal, na phras
de Lauro Sodré, « dissolve a unidade da Patria ».

Para Lauro Sodré a revisão é uma questão que, posta á
margem, fará periclitar a propria causa do progresso nacional.

O espectaculo de desordem moral, politica e administra-
tiva, a que assistimos por todos os cantos da Patria, confirma
bem alto as palavras do eminente tribuno. Ella não só anar-
chisa o paiz inteiro, no interior, estiolando as suas mais vivas
energias, como transpõe as fronteiras, pondo em risco a nossa
amizade com os paizes a que mais nos devemos vincular pelo
affecto internacional, como no caso do Rio Grande, em que
o caudilhete João Francisco, sem freios na sua vontade, ca-
pitaneando uma horda de brutos, salta a fronteira uruguaya,
para empastelar jornaes e dar largas aos seus sanguinarios in-
stinctos, degolando e incendiando.

E a tudo isso assistimos sem um recurso prompto para
pear tão ultrajantes abusos!

Tudo está falseado e compromettido. Não ha mais con-
fiança nem na justiça, levada de arrastão pela politicagem,
que já disputa as posições a tiros e navalhadas, pelas ruas,
em nauseante contubernio com os faccinoras.

Paira no ar, sobre todas as cabeças, o terror do igno-
rado, das surpresas que o dia de amanhã nos reserva em todos
os sentidos da vida nacional.

Tudo isso o Dr. Lauro Sodré descarnou, com a calma e
a serenidade do seu espirito clarividente e justo, dando á de-
magogia olygarchica do poder, o colorido apenas da verdade.
Um applauso frenetico cobriu a franqueza dos seus conceitos.

E' que, lançando em S. Paulo o grito da revisão, o
Dr. Lauro Sodré, psychologo profundo do momento nacional,
foi arrancal-o ao fundo de todas as almas patrioticas, que
vêm nella a solução logica, racional e unica para os nossos
males, o remedio efficaz e indispensavel para expurgarmos as
mazellas que arruinam o organismo da Patria.

O ardor, o enthusiasmo com que foi acolhida a palavra
do Dr. Lauro Sodré, por um publico numeroso, alenta-nos,
fazendo-nos entrever a hora de uma bella, radiosa e trium-
phante campanha, de que saia refundido, respeitando-se os
seus principios basicos no que elle contém de conquista li-
beral e humana, — o pacto fundamental da Republica.

(D'*O Paiz*).